O clima já não cabe na agenda do clima

» AFRA BALAZINA
E MALU RIBEIRO
»
Diretoras de Mobilização e Políticas Públicas da Fundação SOS Mata Atlântica, respectivamente

Falar de clima já não é suficiente. A crise que enfrentamos é da biodiversidade, da água, das florestas e da capacidade dos ecossistemas de sustentar a vida, as cidades e a economia. Se, durante muito tempo, aprendemos a medir o problema em toneladas de carbono, agora é urgente ampliar a pergunta: que natureza teremos para enfrentar um planeta mais quente?

Essa mudança já está redesenhando a agenda ambiental. O desmatamento zero continua urgente e a restauração de ecossistemas ganha outro peso. Soluções baseadas na natureza passaram ao centro das estratégias para reduzir emissões, proteger a biodiversidade, recuperar a água e preparar territórios para eventos extremos. O desafio, então, deixa de ser apenas mobilizar recursos: é preciso fazer com que cheguem a soluções reais. Ainda existe uma distância enorme entre o volume de compromissos financeiros anunciados para clima e natureza e aquilo que efetivamente se transforma em floresta recuperada, rios mais saudáveis, espécies protegidas, comunidades fortalecidas e cidades mais preparadas.

É justamente nessa passagem entre intenção e resultado que organizações da sociedade civil têm um papel preponderante. Elas acumulam conhecimento sobre os territórios, conectam ciência, políticas públicas, comunidades e empresas e ajudam a identificar onde um investimento ambiental pode gerar impacto e mudança concreta. A ciência permite dimensionar problemas, estabelecer prioridades e medir resultados, mas o conhecimento precisa chegar à implementação. Parte do trabalho dessas organizações é justamente fazer essa ponte entre evidência e ação.

O Brasil ocupa uma posição singular nessa agenda. Poucos países combinam biodiversidade em grande escala, produção científica relevante, uma sociedade civil ambiental experiente e capacidade de desenvolver soluções em contextos muito distintos. E há um bioma especialmente importante para mostrar como essa combinação pode funcionar: a Mata Atlântica. É nela que vive a maior parte da população brasileira e onde se concentra grande parcela da atividade econômica do país, além de ter sido profundamente transformada por séculos de ocupação — com florestas fragmentadas, rios pressionados, grandes áreas urbanizadas e uma convivência permanente entre natureza, infraestrutura, produção e milhões de pessoas.

Justamente por isso, a Mata Atlântica pode se tornar um grande laboratório de soluções ambientais. O desmatamento zero é ponto de partida. O passo seguinte é mostrar que é possível restaurar paisagens em grande escala, recuperar rios e mananciais, ampliar infraestrutura verde nas cidades, reconectar fragmentos de vegetação e criar modelos em que conservação, desenvolvimento e adaptação climática façam parte da mesma estratégia.

Se essas soluções funcionarem em um território tão densamente ocupado, complexo e economicamente relevante, muitas delas poderão ser adaptadas para outros biomas brasileiros e para outras regiões do mundo.

Há ainda uma questão sobre quem participa dessas decisões. A agenda ambiental continua sendo conduzida em espaços de poder pouco diversos. Aumentar a presença de mulheres e a diversidade racial, social, territorial e geracional significa incorporar outras experiências, prioridades e formas de construir respostas para problemas que atingem grupos diferentes de maneiras distintas.

É preciso ainda ampliar os espaços de diálogo para tratar adaptação climática como uma agenda de futuro. Afinal, o debate climático entrou em uma nova etapa. O relatório mais recente do Pnuma indica que a ultrapassagem temporária de 1,5°C já é praticamente inevitável e que, mesmo no cenário mais otimista analisado, o aquecimento pode chegar a 1,8°C antes de voltar a cair. Isso torna ainda mais urgente reduzir tanto a intensidade quanto a duração dessa ultrapassagem. Cada fração de grau e cada ano a mais ampliam os riscos, sendo que parte das perdas pode ser irreversível.

Ondas de calor, enchentes, secas e incêndios já pressionam sistemas urbanos, infraestrutura, produção de alimentos e abastecimento de água e a saúde em diferentes partes do planeta. As respostas construídas para o clima do século passado começam a mostrar seus limites diante das condições deste século.

O Brasil pode ocupar um lugar relevante na construção de soluções. Para isso, precisa transformar sua biodiversidade, seu conhecimento científico e sua experiência acumulada em soluções demonstráveis e capazes de ganhar escala. A Mata Atlântica reúne condições excepcionais para fazer isso.

Uma das maiores contribuições que podemos oferecer à agenda climática é mostrar, na prática, que proteger e reconstruir a natureza não é uma consequência da transição. É parte da solução.

A dúvida do eleitor: a aposta no escuro ou o afeto que se encerra

» JOSÉ NATAL

Jornalista

Quando, no próximo dia 27, Luiz Inácio Lula da Silva completar seus 81 anos de idade, já estará sabendo se terá mais quatro anos como presidente da República ou amargurando a sua quarta derrota como candidato ao cargo. A votação para o segundo turno da eleição terá acontecido 48 horas antes. A primeira vitória foi em 2002, quando derrotou José Serra (PSDB), e a segunda, em 2006, quando venceu de Geraldo Alckmin, do mesmo partido — todas elas no segundo turno, após vitória no primeiro.

No apogeu da carreira vitoriosa, como um dos maiores líderes políticos das Américas, visitante oficial a mais de 50 países do mundo e voz influente em todos eles, o líder petista assume agora estar diante de sua mais difícil missão, embora confiante.

Com 47% dos votos válidos, Flávio Bolsonaro (PL) venceu o primeiro turno, trazendo com ele apoios já garantidos para a próxima votação, uma vez que governadores estaduais, senadores e deputados atrelados à campanha também foram eleitos. O petista, mesmo sendo o mais habilidoso e competente articulador político das Américas, não traz na bagagem de seu partido um nome sequer que possa representá-lo com a altivez, a imponência e o peso que disputas desse porte exigem. Na prática, e à luz da razão, é Lula contra o resto, uma vez que suas alianças espalhadas pelo Brasil ainda brilham como lamparinas numa guerra em que a luz que se exige vai além de holofotes e milhões de luminárias.

AIçado pelo pai, Jair Bolsonaro, a uma candidatura desacreditada pelo próprio partido (PL), pela madrasta (Michelle Bolsonaro), por irmãos, seguidores e aliados mais próximos, Flávio surpreendeu; aos poucos, ganhou espaço onde antes tropeçava; e, agora, esbanja soberba com o grito de "já ganhou" na boca de uma multidão cativa, açodada e voluntariosa, que, na rede social, não admite nada que não seja massacrante votação rumo ao Planalto.

Na pauta diária das duas campanhas, quase a mesma pregação, com vocabulários diferentes. Lula prega o que sempre fez (e bem), que é a defesa insistente das comunidades carentes, mais empregos aos pobres e ações voltadas ao social, sem restrições. Cita com frequência seus projetos voltados às famílias que moram nas periferias, ambientes conhecidos e pouco assistidos.

Os dois candidatos, com virulência verbal, colocam também nos debates escândalos do caso Master-BRB-Vorcaro, fraudes do INSS, ligações submissas e vexatórias com o governo Trump e a influência maléfica e perigosa de ministros togados e outros de patentes parecidas no processo eleitoral, sem razão de ser. Desta vez, até Nossa Senhora Aparecida foi citada.

Pesquisas recentes sinalizam o desejo do eleitor para que haja uma mudança de conceito administrativo do país, pelo cansaço do chamado "tudo isso que está aí". A palavra de ordem, pregam os que já se acham vencedores, é mudança. Mudança de tudo. Forma de administrar o país, educação, segurança pública, controle do tráfico, uma metamorfose completa também no setor cultural.

Nunca o ambiente político do nosso país viu tanta violência verbal e xingamentos pela rede social como nos dias de hoje, tudo em nome da mudança. Cidadãos que de política sabem tanto quanto de guerra nuclear se arvoram em mensagens, recomendações estratégicas e, sempre escorados nos mais estapafúrdios palavrões, se esmeram em indicar os melhores caminhos para a busca de votos, exagerando nos adjetivos que nos recomendam tirar as crianças da sala, caso o áudio possa vazar.

O lado bolsonarista, no momento em êxtase pelos resultados iniciais, tem a sensação de vitória estampada no brilho dos olhos. Adeptos a dialogar com cartucheiras na cintura, como recomenda Jair, apoiadores do capitão têm lá seus motivos para euforia. Há quem diga que uma possível vitória será celebrada quase como uma vingança, uma vez que reina nas hostes do partido uma angústia encravada ali logo após o último pleito até os dias de hoje. Isso não é bom.

Do lado petista, a expectativa de virada é real, consistente, segundo a campanha, fundamentada em dados confirmados. Analistas que, a cada dia, buscam nos bastidores argumentos para suas considerações acreditam numa prova de resultado imprevisível devido à intensidade com que as duas campanhas atuam.

Habituados a comemorar vitórias e a aceitar derrotas na mesma proporção em todo o país, seguidores do Partido dos Trabalhadores deletam qualquer insinuação de que haja desânimo e falta de motivação, mantendo a sensação de vitória como única opção. O afeto pela causa não se encerra, está mais do que vivo.

Pesquisa clínica também é uma forma de cuidado

» CARLOS DOS ANJOS

Oncologista do Hospital Sírio-Libanês

Receber o diagnóstico de câncer de mama é um momento que traz muitas dúvidas, medos e incertezas. Para o paciente e sua família, começa uma jornada marcada por consultas, exames e decisões importantes. Nesse caminho, é fundamental que eles conheçam as possibilidades de tratamento disponíveis e tenham ao lado uma equipe multidisciplinar capaz de orientar cada escolha. É também nesse contexto que a pesquisa clínica precisa ser compreendida como parte do cuidado. Estudos clínicos permitem avaliar novas estratégias terapêuticas e, em determinadas situações, podem oferecer aos pacientes acesso a tratamentos que ainda não fazem parte da prática habitual.

No câncer de mama, essa possibilidade merece atenção especial. A doença reúne diferentes subtipos, com características e comportamentos próprios, de modo que um tratamento indicado para uma paciente pode não ser adequado para outra. Em determinadas situações, a participação em um estudo clínico pode representar uma alternativa relevante, desde que a paciente atenda aos critérios da pesquisa e apresente condições de saúde compatíveis com o tratamento proposto. O acesso a essas oportunidades, porém, ainda enfrenta barreiras. Muitas pacientes atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) sequer sabem que esses estudos existem. Outras, mesmo preenchendo os requisitos para participar, não chegam aos centros de pesquisa por falta de informação, dificuldades de deslocamento ou ausência de uma rede organizada de encaminhamento. Soma-se a isso a sobrecarga de trabalho dos médicos da rede pública, que dificulta a identificação e o encaminhamento de potenciais participantes. Ampliar o acesso à pesquisa clínica exige, portanto, mais do que oferecer estudos: é preciso criar caminhos para que as pacientes conheçam essas oportunidades e consigam chegar até elas.

No Sírio-Libanês, estamos construindo caminhos para ampliar o acesso de pacientes do SUS à pesquisa clínica. Um exemplo é o projeto desenvolvido em parceria com o Memorial Sloan Kettering Cancer Center (MSK), dos Estados Unidos, no âmbito do Pan-American Cancer Consortium (PACC). A iniciativa conecta hospitais que atendem pelo SUS a centros de pesquisa em oncologia no Brasil e tem como peça central a atuação de enfermeiras navegadoras, profissionais dedicadas a identificar potenciais participantes e apoiar seu encaminhamento. Nos hospitais participantes, essas enfermeiras reúnem informações dos prontuários sobre a doença e os tratamentos já realizados e organizam a oferta de biópsia líquida, um exame de sangue que permite investigar alterações genéticas do tumor. A análise conjunta dessas informações ajuda a identificar estudos clínicos compatíveis com o perfil de cada paciente. Quando surge uma oportunidade, as navegadoras, em articulação com a equipe assistencial, fazem a conexão com o centro onde o estudo está sendo conduzido e apoiam o encaminhamento. Nesse centro, a equipe de pesquisa verifica se o paciente atende aos critérios de participação e explica os possíveis benefícios e riscos envolvidos. O projeto cria, assim, uma busca ativa por oportunidades de pesquisa e oferece apoio para que o paciente percorra o caminho entre sua identificação no SUS e a avaliação para um estudo clínico.

Um dos recursos em desenvolvimento, a ser utilizado num futuro próximo, para dar celeridade, abrangência e eficácia ao projeto é a inteligência artificial (IA). A ferramenta, que encontra-se em desenvolvimento no MSK, cruza informações clínicas e moleculares com dados de mais de 200 estudos oncológicos ativos no Brasil. Entre os aspectos considerados, estão as características do tumor, os marcadores moleculares, o quadro clínico e a localização geográfica do paciente. Os testes de biópsia líquida, que analisam fragmentos de DNA tumoral circulante no sangue, contribuem para identificar alterações moleculares relevantes. Com o cruzamento dessas informações, a tecnologia ajuda a localizar pesquisas que mereçam ser avaliadas para cada caso. Isso não significa que a IA escolha o tratamento ou determine quem poderá participar. Ela funciona como uma ferramenta de apoio à identificação de oportunidades; a avaliação médica, a confirmação dos critérios de elegibilidade e a decisão do paciente continuam sendo etapas indispensáveis.

É importante lembrar que participar de um estudo clínico não representa garantia de cura ou de resposta ao tratamento. Toda pesquisa tem critérios próprios, possíveis riscos e benefícios que precisam ser explicados com clareza. A participação deve ser voluntária, com consentimento informado e acompanhamento adequado. Ao mesmo tempo, ampliar o acesso de pacientes do SUS a essas oportunidades é uma questão de equidade. A possibilidade de conhecer um estudo clínico não deveria depender apenas da renda, do endereço ou da proximidade de um grande centro médico. Incluir pacientes de diferentes realidades também pode contribuir para que a pesquisa reflita melhor a diversidade da população brasileira.

Sabemos que cada paciente tem uma história, uma família e expectativas que vão muito além do diagnóstico. Por isso, aproximar a pesquisa clínica da assistência é também uma forma de acolher, informar e ampliar as possibilidades que podem ser discutidas durante o tratamento. Diante do câncer, cada nova possibilidade pode representar esperança, tempo e a chance para seguir em frente.